

MARTINHO MENDES

Nasceu na Madeira (1981) onde vive e trabalha. Formou-se em Artes Plásticas, na Universidade da Madeira e em Educação Artística, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Paralelamente à criação artística, coordena o serviço educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal onde exerce funções técnico-pedagógicas e de programação cultural no Serviço Educativo. As suas principais áreas e interesses de investigação são a educação artística em museus e centros de arte, assim como a criação e a experimentação artística no cruzamento com os territórios da pedagogia, dos estudos insulares, das ciências naturais, a etnografia e a espiritualidade, explorando e combinando diferentes meios expressivos como a instalação, o desenho, a pintura e a fotografia. Realizou as seguintes exposições individuais: *Do Bom Despacho ao Livramento*, Museu Etnográfico da Ribeira Brava (2018); *Orgânico, Perene*, Galeria dos Prazeres, (2014); *Cheerfulness*, Museu de Arte Sacra do Funchal (2013); *Em trânsito*, Museu de Arte Sacra do Funchal (2012); *Sobre a mesa*, Galeria ASVS Porto (2011); *Do litoral – Echium nervosum*, Espaço Infoarte da SRTC, Funchal (2011); *As nossas memórias nos mentem*, Galeria ASVS, Porto (2009); *A Casa na Encruzilhada*, Colégio dos Jesuítas, Universidade da Madeira, Funchal (2006).

Destaca-se a participação nas seguintes exposições coletivas: *Derrocada/downfall*, parceria com Mihal Krenz, Casa da Cultura de Santa Cruz, Madeira (2018); *Por entre flores e pedras*, parceria com Bruno Corte no Museu Geológico de Lisboa (2017); *Between Islands*,

festival internacional de vídeo-arte, TEA-Tenerife Espaço das Artes, Tenerife – Canárias; Centro de Inovação cultural El Almacén, Lanzarote – Canárias, 7º FIVAC – Festival Internacional de Vídeo Arte de Camagüey – Cuba; Tabakalera. Donosti – San Sebastián; Festival Internazionale Video Arte Viareggio, GAMC Lorenzo Viani de Viareggio – Itália; Centro Cultural de España en Nicarágua – Nicaragua, Ex-Teresa Arte Actual – Mexico; Gran Canaria Espaço Digital, Espanha; Museu de Arte Moderna de Santo Domingo – República Dominicana (2016-2017); *Experiência da Forma- Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea II, Mudanças* – Museu de Arte Contemporânea da Madeira (2015); *Alguns Endemismos e outras Naturezas*, parceria com Sílvia Cró e Dina Pimenta, Fortaleza São Tiago – Museu de Arte Contemporânea do Funchal (2014); *Labirinto de Memória*, Colégio dos Jesuítas, do Funchal (2013); *Linha/Linea Porta 33*, Funchal (2013); 1988-2013: algumas doações na Fortaleza São Tiago – Museu de Arte Contemporânea do Funchal (2013); *Sobre Pedras, entre muros*, Colégio dos Jesuítas do Funchal (2005); *Mundos e Modos*, Teatro Municipal Baltazar Dias, Funchal (2005); *Seis artistas plásticos madeirenses na Bélgica*, Foyer do Belgischen Rundfunk und Fernsehzentrum, Comunidade Germanófila da Bélgica (2004), *De um lugar extremo e nulo*, parceria com Alice Sousa, Fortaleza São Tiago – Museu de Arte Contemporânea do Funchal (2004); *7º Prémio Fidelidade Jovens Pintores*, Casa da Companhia, Porto e Abrantes (2003); *Galeria em grande*, exposição coletiva de pequeno formato, Galeria da SRTC, Funchal (2002).

Sismógrafo  
Praça dos Poveiros 56  
1º andar, salas 1&2  
4000-393 Porto, Portugal  
sismografo.org  
facebook.com/sismografo

Inauguração:  
Sexta, 14 Dezembro, 22:00  
Até: 11 Janeiro 2019  
Conversa com o artista:  
sábado, 15 Dezembro, 17:00

Horário:  
Quinta a Sábado, 15:00–19:00

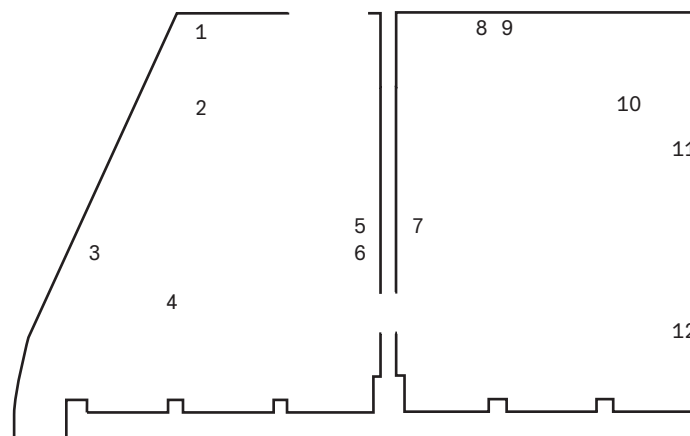
O Sismógrafo é apoiado por:



# GEOGRAFIA DO RISCO

MARTINHO MENDES

14 DEZ 2018  
–11 JAN 2019



1. **VISTA DO CABO GIRÃO, CÂMARA DE LOBOS**  
Postal da década de 1950,  
impressão por J. Arthur Dixon  
10 × 15cm

2. **BASALTO DA RIBEIRA DE SÃO JOÃO,**  
2018 (COLHEITA)  
Fragmento de pedra natural  
8,5 × 11 × 13cm

3. **MASSAROCO DE LITORAL OU PRIDE OF MADEIRA (ECHIUM NERVOSUM),** 2011  
Acrílico sobre papel  
280 × 198cm

4. **LITOTECA OU UM CHÃO DE ARQUIPÉLAGO,** 2018  
Saca de plástico e 16 amostras de cantaria de origem vulcânica do arquipélago da Madeira  
90 × 158cm

5. **PEDRA I**  
Pastel seco sobre papel e grade de metal  
29,5 × 37 × 5,5cm

6. **PEDRA II**  
Pastel seco sobre papel e grade de metal  
29,5 × 37 × 5,5cm

7. **QUEDA DE PEDRAS NA MARGINAL DA CALHETA**  
Desenho a carvão sobre papel  
124 × 150cm

8. **DA FOZ DA RIBEIRA DO PORCO, BOAVENTURA, MADEIRA I,** 2016  
Impressão sobre papel fotográfico  
20 × 15cm

9. **DA FOZ DA RIBEIRA DO PORCO, BOAVENTURA, MADEIRA II,** 2016  
Impressão sobre papel fotográfico  
20 × 15cm

10. **UMA PEDRA DERRUBA A ORquíDEA-DA-FESTA (CYMBIDIUM TRACYANUM),** 2018  
papel pintado, vimes, arame, planta natural, vaso de cerâmica madeirense e terra vegetal.  
Dimensões variáveis

11. **PEDRA III**  
Pastel seco sobre papel e grade de metal  
29,5 × 37 × 5,5cm

12. **PEDREGULHO ATINGE QUINTAL DE MORADIA,** 2018  
Desenho a carvão sobre papel  
150 × 124cm

*I think natural disasters have been looked in the wrong way. Newspapers always say they are bad, a shame. I like natural disasters and i think that they may be the highest form of art possible to experience. For one thing they are impersonal. I don't think art can stand up for nature. Put the best object you know next to the Grand Canyon, Niagra Falls, redwoods. The big things always win. Now just think of a flood, forest fire, tornado, earthquake, typhoon, sand storm. Think of the breaking of the ice jams. Crunch. If all of the people who go to museums could just feel an earthquake. Not to mention the sky and the ocean.*

*But it is in the unpredictable disasters that the highest forms are realized. They are rare and we should be thankful for them.*

Walter De Maria, "On the importance of Natural Disasters", 1960

As referências ao mundo natural, e aos fenômenos a ele associados, têm sido frequentes no trabalho de Martinho Mendes, onde se percebem as influências que os espaços percorridos no espaço arquipelágico e insular, habitado pelo artista, exercem sobre as suas pesquisas e modos de produção artísticos. A paisagem da Madeira tem sido uma temática constante na sua investigação plástica e tem assentado nas relações entre imagem e território, onde tanto se dá a ver a construção de um olhar endêmico, sobre os lugares físicos e culturais da ilha, como surge, também, inscrita numa perspetiva mais global, que evoca as tensões, as consequências e desafios da ocupação humana no planeta.

*Geografia do Risco* retoma alguns destes tópicos. Por um lado os trabalhos apresentados propõem uma narrativa que invoca a memória do assombro, da contemplação e do confronto sublime com natureza e as paisagens culturais, construídas no arquipélago de orografia acidentada, ao longo de quase seis séculos. Por outro, a abordagem à vulnerabilidade, ao perigo natural e aos desastres são também aqui evocados a partir da interpretação de fenômenos locais, cada vez mais frequentes a uma escala planetária e caracterizadores do Antropoceno.

O primeiro núcleo da exposição apresenta, ao fundo da primeira sala, um desenho de grande formato que se impõe no espaço, desde logo, pela intensidade do azul. Este trabalho, de 2011, parece representar, à primeira vista, o mapa aéreo de um complexo arquipélago banhado pelo mar. Trata-se, na verdade, da representação simplificada de uma espécie botânica que, pela sua condição de endemismo, adquire uma vertente metafórica de representação da ilha de onde é originária e exclusiva.

A espécie representada é o massaroco de litoral (*Echium nervosum*) que os ingleses denominam de "orgulho da Madeira", conjuntamente com a espécie de montanha (*Echium candicans*) e, por extensão, à espécie exclusiva da ilha de Porto Santo (*Echium portosanctensis*), uma vez que a exuberância tonal e formal das inflorescências destas plantas de porte arbustivo, foram interpretadas pelo olhar do viajante como verdadeiros motivos de referência e identidade do lugar, implicando o regozijo vinculado à fruição estética das paisagens, por todos aqueles que habitam aquelas ilhas.

Foi também pelo olhar dos viajantes europeus que, a partir do século XVIII, e com maior intensidade a partir do século XIX, a Madeira passou

a ser vista, quer na literatura de viagem, quer nas inúmeras gravuras que circularam pela Europa, como um local idílico, romântico, de paisagens contrastantes, exóticas, sublimes, com vales profundos e verticais, fecundos, quer na biodiversidade do ecossistema, quer no número de miradouros que davam a possibilidade de contemplar, com segurança e à distância, os panoramas e as belas vistas.

A *Vista do Cabo Girão, Câmara de Lobos*, um pequeno postal impresso na década de 1950, que inicia a exposição, mostra, partir de blocos rochosos que deslizaram da vertente abrupta e instável sobre a praia de calhaus rolados, que a fruição da diversidade geomorfológica da colossal arria sobre o mar, implica reconhecer a simultânea existência de riscos naturais que se colocam às comunidades que aqui sempre vieram.

Apesar da distância técnica e temporal das litografias da ilha feitas por William Westall (1781-1850), James Bulwer (1781-1850), Frank Dillon (1822-1909) ou Andrew Picken (1815-1845), este postal representa a mesma grandiosidade paisagística, sublinhada pelo perigo sobranceiro, difundidos nas imagens do século XIX. O exposição "Geografia do risco" é também uma forma de abordar as problemáticas desta mesma paisagem diversa, embora recorrendo a uma encenação expositiva que coloca em diálogo objetos aparentemente diferentes entre si.

Os desastres naturais na Madeira têm sido registados desde que a ilha começou a ser habitada no século XVI, sendo os mais comuns as derrocadas/quebradas, as aluviões e os incêndios e, em menor registo, os terramotos e os maremotos.

O território capturado na imagem do postal foi, por exemplo, local de inúmeros desastres naturais havendo registo de que já em 1444, Henrique Alemão, um dos primeiros povoadores, morreu na decorrência do desprendimento de colossais blocos de pedra sobre a sua embarcação. Já no início do século XX, por exemplo, há registo de um maremoto que vitimou dezenas de pessoas na vila quando o desprendimento de grandes rochedos caiu sobre o mar, formando uma grande vaga. Apesar das consequências humanas, o evento destrutivo que causou alteração no ambiente fez nascer ou alargar uma fecunda fajã onde outrora era apenas mar. Estes fenômenos vêm lembrar as palavras de Walter de Maria que sublinham a energia criadora dos desastres naturais, não restando aos humanos senão reconhecer a invencibilidade das forças da Natureza e procu-

rar soluções de ordenamento do território mais equilibradas e eco compatíveis.

Porém, a ideia romântica de ilha-éden-jardim, consubstanciada pelo bucolismo das paisagens, difundidas em pinturas e imagens impressas que vem de longe, parece ter modelado culturalmente a forma como, em parte, o habitante das ilhas continua a olhar para o sua própria região, vendo-a como uma realidade à distância, independente de quem a observa. A iliteracia da paisagem e do risco parece decorrer, assim, de uma certa inconsciência acerca do papel ativo que cada habitante tem na relação dinâmica e interdependente com o território onde vive.

Há nesta exposição uma atenção particular dada ao mundo geológico através da presentificação de espécimes reais que atestam a diversidade litológica da ilha, coexistindo com representações em desenho e criação de objetos que introduziam a dicotomia do natural/artificial e que partem da apropriação de imagens publicadas nos jornais locais para ilustrar as regulares quedas de pedra. Esta exposição, à semelhança de outros projetos já realizados pelo artista, encena "um paradoxo inerente à ontologia da pedra, que tanto pode ser solidez e abrigo, como pode representar o risco, a instabilidade e a agressão. O quotidiano numa ilha vulcânica agudiza a experiência do risco associado à queda de pedras da montanha" (Santa Clara, 2017\*).

Martinho Mendes

\*Santa Clara, Isabel (2017). *Deambulações pela fragilidade do mundo*. Folha de sala da exposição *Por entre flores e pedras*, de Bruno Corte e Martinho Mendes, Lisboa, Museu Geológico.

## MARTINHO MENDES

Born in Madeira (1981) where he lives and works. He graduated in Fine Arts, at the University of Madeira, and in Arts Education, by the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon. Parallel to his artistic creation, he coordinates the educational service of the Museum of Sacred Art of Funchal where he performs technical-pedagogical functions and cultural programming in the Educational Service. His main research areas and interests focus on artistic education in museums and art centers, as well as artistic creation and experimentation at the crossover between the territories of pedagogy, insular studies, natural sciences, ethnography and spirituality, exploring and combining different expressive media such as installation, drawing, painting and photography. He made the following solo exhibitions: *Do Bom Despacho ao Livramento*, Ethnographic Museum of Ribeira Brava (2018); *Orgânico*, Perene, Galeria dos Prazeres, (2014); *Cheerfulness*, Museum of Sacred Art of Funchal (2013); *Em trânsito*, Museum of Sacred Art of Funchal (2012); *Sobre a mesa*, ASVS Porto Gallery (2011); *Do litoral – Echium nervosum*, Infoarte Space of SRTC, Funchal (2011); *As nossas memórias nos mentem*; ASVS Gallery, Porto (2009); *A Casa na Encruzilhada*, Jesuit College, University of Madeira, Funchal (2006).

It is worth noting the participation in the following group exhibitions: *Derrocada/downfall*, partnership with Mihal Krenz, Casa da Cultura of Santa Cruz, Madeira (2018); *Por entre flores e pedras*, partnership with Bruno Corte in the Geological Museum of Lisbon (2017); *Between*

*Islands*, international video-art festival, TEA-Tenerife Space of the Arts, Tenerife – Canary Islands; Center for Cultural Innovation El Almacén, Lanzarote – Canary Islands, 7th FIVAC – International Video Art Festival of Camagüey – Cuba; Tabakalera. Donosti – San Sebastián; Viareggio International Video Art Festival, GAMC Lorenzo Viani from Viareggio – Italy; Cultural Center of Spain in Nicaragua – Nicaragua, Ex-Teresa Arte Actual – Mexico; Gran Canaria Digital Space, Spain; Museum of Modern Art of Santo Domingo – Dominican Republic (2016-2017); *Experiência da Forma- Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea II*, Mudas – Museum of Contemporary Art of Madeira (2015); *Alguns Endemismos e outras Naturezas*, partnership with Sílvio Cró and Dina Pimenta, Fortaleza São Tiago – Museum of Contemporary Art of Funchal (2014); *Labirinto de Memória*, Jesuit College of Funchal (2013); *Linha/Line at Porta 33*, Funchal (2013); 1988-2013: algumas doações at Fortaleza São Tiago – Museum of Contemporary Art of Funchal (2013); *Sobre Pedras, entre muros*, Jesuit College of Funchal (2005); *Mundos e Modos*, Teatro Municipal Baltazar Dias, Funchal (2005); *Seis artistas plásticos madeirenses na Bélgica*, Foyer do Belgischen Rundfunk Fernsehzentrum, Comunidade Germanófila da Bélgica (2004), *De um lugar extremo e nulo*, partnership with Alice Sousa, Fortaleza São Tiago – Museum of Contemporary Art of Funchal (2004); 7º Prémio Fidelidade Jovens Pintores, Casa da Companhia, Porto and Abrantes (2003); *Galeria em grande*, exposição coletiva de pequeno formato, SRTC Gallery, Funchal (2002).

Sismógrafo  
Praça dos Poveiros 56  
1º andar, salas 1&2  
4000-393 Porto, Portugal  
sismografo.org  
facebook.com/sismografo

Opening:  
Friday, 14 December, 22:00  
Until: 11 January 2019  
Talk with the artist:  
Saturday, 15 December, 17:00

Opening hours:  
Thursday to Saturday, 15:00–19:00

O Sismógrafo é apoiado por:

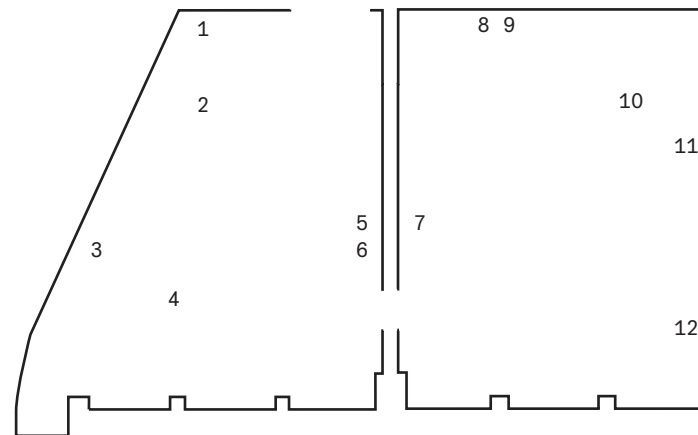


# GEOGRAPHY OF HAZARD

MARTINHO MENDES

14 DEC 2018

–11 JAN 2019



1. *VIEW FROM CABO GIRÃO, CÂMARA DE LOBOS*  
Postcard from 1950, printed by J. Arthur Dixon  
10×15cm

2. *BASALT FROM SÃO JOÃO CREEK*  
2018 (HARVEST)  
Fragment of natural stone  
8,5 × 11 × 13cm

3. *MASSAROCO DE LITORAL OR PRIDE OF MADEIRA (ECHIUM NERVOSUM)*, 2011  
Acrylic on paper  
280 × 198cm

4. *STONE COLLECTION OR A ARCHIPELAGO FLOOR*, 2018  
Plastic bag and 16 samples of volcanic stonework from Madeira archipelago  
90 × 158cm

5. *STONE I*  
Dry pastel on paper, and metal grid  
29,5 × 37 × 5,5cm

6. *STONE II*  
Dry pastel on paper, and metal grid  
29,5 × 37 × 5,5cm

7. *STONE COLLAPSING IN THE WATERFRONT OF CALHETA*  
Charcoal drawing on paper  
124 × 150cm

8. *FROM THE OUTFALL OF RIBEIRA DO PORCO, BOAVENTURA, MADEIRA I*, 2016  
Print on photographic paper  
20 × 15cm

9. *FROM THE OUTFALL OF RIBEIRA DO PORCO, BOAVENTURA, MADEIRA II*, 2016  
Print on photographic paper  
20 × 15cm

10. *A STONE FALLS ON A CHRISTMAS ORCHID (CYMBIDIUM TRACYANUM)*, 2018  
Painted paper, wicker, wire, natural plant, ceramic vase and soil.  
Variable dimensions

11. *STONE III*  
Dry pastel on paper, and metal grid  
29,5 × 37 × 5,5cm

12. *PROCK HITS HOUSE BACKYARD*, 2018  
Charcoal drawing on paper  
150 × 124cm

*I think natural disasters have been looked in the wrong way. Newspapers always say they are bad, a shame. I like natural disasters and i think that they may be the highest form of art possible to experience. For one thing they are impersonal. I don't think art can stand up for nature. Put the best object you know next to the Grand Canyon, Niagra Falls, redwoods. The big things always win. Now just think of a flood, forest fire, tornado, earthquake, typhoon, sand storm. Think of the breaking of the ice jams. Crunch. If all of the people who go to museums could just feel an earthquake. Not to mention the sky and the ocean.*

*But it is in the unpredictable disasters that the highest forms are realized. They are rare and we should be thankful for them.*

Walter De Maria, "On the importance of Natural Disasters", 1960

The references to the natural world, and the phenomena associated with it, have been frequent in the work of Martinho Mendes, where one perceives the influences that the spaces traveled in the archipelagic and insular space, inhabited by the artist, exert on his researches and modes of artistic production. The landscape of Madeira has been a constant theme in his research and has been based on the relations between image and territory, where it is possible to see the construction of an endemic outlook, on the physical and cultural places of the island, as it also appears, registered in a more global perspective that evokes the tensions, consequences and challenges of human occupation on the planet. Geography of Hazard takes up some of these topics. On the one hand the presented works propose a narrative that invokes the memory of the astonishment, the contemplation and the sublime confrontation with nature and the cultural landscapes, constructed in the archipelago of rough orography, during almost six centuries. On the other hand, the approach to vulnerability, natural danger and disasters are also evoked here from the interpretation of local phenomena, increasingly frequent on a planetary scale, also characteristic of the Anthropocene.

The first core of the exhibition presents, at the back of the first room, a large format drawing that imposes itself in the space by the intensity of the blue. This work, from 2011, seems to represent, at first glance, the aerial map of a complex archipelago bathed by the sea. It is, in fact, the simplified representation of a botanical species which, due to its condition of endemism, acquires a metaphorical strand of representation of the island from which it is original and exclusive.

The species represented is the *massaroco de litoral* (*Echium nervosum*) which in English is called "the pride of Madeira", together with the mountain species (*Echium candicans*) and, by extension, the species exclusive of the island of Porto Santo (*Echium portosanctensis*), since the tonal and formal exuberance of the inflorescences of these shrub-bearing plants were interpreted by the traveler's eyes as true reference and identity motifs of the place, implying the rejoice connected to the aesthetic enjoyment of the landscapes, by all those who inhabit those islands.

It was also through the eyes of the European travelers that, from the 18th century, and with greater intensity from the 19th century, Madeira was seen in both travel literature as well as in

the many engravings that circulated throughout Europe, as a idyllic place, romantic, with contrasting landscapes, exotic, sublime, with deep and vertical valleys, fertile, both in the biodiversity of the ecosystem and in the number of viewpoints, who offer the possibility of viewing, safely and at a distance, landscapes and beautiful views.

The *View of Cabo Girão, Câmara de Lobos*, is a small postcard printed in the 1950s, which starts the exhibition, depicting the rocky blocks that slid from the abrupt and unstable slope on the beach of rolled stones, which the fruition of the geomorphological diversity of the colossal above the sea, implies the recognition of the simultaneous existence of natural hazards that are put to the communities that have always lived there.

Despite the technical and temporal distance of the island's lithographs by William Westall (1781-1850), James Bulwer (1781-1850), Frank Dillon (1822-1909) or Andrew Picken (1815-1845), this postcard represents the same grandeur landscape, emphasized by the impending danger, diffused in the images of the nineteenth century. The exhibition "Geography of Hazard" is also a way of approaching the issues of this same diverse landscape, although using an expository scenario that puts in dialogue objects apparently different from each other.

The natural disasters in Madeira have been recorded since the island began to be inhabited in the 16th century, being the most common the landslides, alluviums and fires and, to a lesser extent, earthquakes and tsunamis. The territory depicted in the photo of the postcard was, for example, the site of numerous natural disasters, and it was recorded that as early as 1444, Henrique Alemão, one of the first settlers, died as a result of the release of huge stone blocks on his ship. At the beginning of the twentieth century, for example, there is a tidal wave that has killed dozens of people in the village when the release of large rock cliffs fell on the sea, forming a great wave. Despite the human consequences, the destructive event that caused a change in the environment gave rise to a fertile fajã (Portuguese term for a "flat" terrain, composed of lava flows and collapsing cliffs) where it was once only sea. These phenomena remind us of the words of Walter de Maria which emphasize the creative energy of natural disasters, leaving it to humans to recognize the invincibility of the forces of nature and seek more balanced and eco-compatible solutions.

However, the romantic idea of island-eden-garden, embodied by the bucolic nature of landscapes, diffused in paintings and printed images from afar, seems to have culturally shaped the way in which the islander continues to look at his region, seeing it as a reality at a distance, regardless of who observes it. The illiteracy about landscape and hazards seems to result from a certain lack of consciousness about the active role that each inhabitant has in the dynamic and interdependent relation with the territory.

There is in this exhibition a particular attention given to the geological world through the presentification of real specimens that attest to the lithological diversity of the island, coexisting with representations in drawing and creation of objects that introduced the dichotomy of the natural/ artificial and that depart from the appropriation of images published in the local newspapers to illustrate the regular stone falls. This show, like other projects already carried out by the artist, presents "a paradox inherent to the ontology of stone, which can be both solidity and shelter, as it can represent risk, instability and aggression. Everyday life on a volcanic island sharpens the experience of the risk associated with the collapsing of mountain stones (Santa Clara, 2017\*).

Martinho Mendes

\*Santa Clara, Isabel (2017). *Wanderings through the fragility of the world*. Room sheet from the exhibition *Amongst flowers and stones*, by Bruno Corte and Martinho Mendes, Lisbon, Geological Museum.